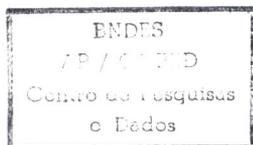


BENS DE CONSUMO NÃO
DURÁVEIS



NOTA GESET-3/AO-2 - 04/93

Em 16/12/93



A primeira parte desta Nota visa dar um breve panorama da situação da indústria de bens de consumo não duráveis no momento atual, bem como apresentar o resultado de informações colhidas junto a organizações demandantes deste tipo de bens (Carrefour, Martins) com vistas a detectar possíveis gargalos de oferta no setor.

Na segunda parte, a Nota apresenta um resumo dos investimentos que estão sendo realizados e de possíveis planos de investimentos no setor têxtil, por parte de dois grupos que trabalham predominantemente na agro-indústria (Cocamar e Itamaraty).

1 - BENS DE CONSUMO NÃO DURÁVEIS

1.1 - Introdução

Grandes indústrias produtoras de bens de consumo estão trabalhando, neste final de ano, próximo da capacidade total de produção, devido basicamente ao aquecimento que vem sendo observado na demanda.

O elevado nível de demanda (próprio das épocas de fim de ano), aliado à implementação de uma política de manutenção de estoques baixos, está reduzindo, este ano, a prática das indústrias de concederem longas férias coletivas no final do exercício. Importantes empresas produtoras de bens de consumo optaram por produzir no período das festas, para atender aos pedidos do comércio. Este fato foi objeto de reportagem na Folha de São Paulo, em 20/11/93.

As fábricas que pretendem paralisar a produção no período de Natal e Ano Novo o farão, ou por solicitação dos empregados, ou por necessidade de manutenção das instalações e máquinas.

Empresas como Black & Decker, Gessy Lever, Arno, Sharp, Ortopé, Toga, estão produzindo a plena capacidade e, em princípio, não pretendem conceder férias coletivas no final do ano. O Grupo Vicunha só paralisará a produção em duas fábricas do Nordeste - Lee (confecções) e Vicunha Nordeste (índigos). A Alpargatas só dará férias coletivas na fábrica de camisas, em Natal.

Observe-se que poucos Grupos estão investindo em acréscimo significativo da capacidade produtiva, visando estar em boa situação no caso de uma retomada da atividade econômica.

O baixo nível de investimentos é preocupante, pois a escassez de oferta pode trazer um recrudescimento inflacionário (inflação de demanda), ou a necessidade de maiores importações dos produtos com oferta restrita.

Cabe registrar que tem aumentado muito a presença da China e de outros países asiáticos no mercado mundial de produtos de consumo não durável, especialmente nos segmentos têxtil, de confecções, sapatos, brinquedos, artigos de copa e cozinha. Os produtos destes países não são sofisticados nem de qualidade muito boa, mas têm preços muito baixos.

A seguir são apresentados resumos das informações colhidas junto aos Grupos Carrefour e Martins sobre a situação da indústria de bens de consumo não duráveis.

1.2 - CARREFOUR

Segundo o Diretor da Divisão Não Alimentar do Grupo Carrefour, Hugo Jordão Bethlem, as vendas do Grupo no segmento não alimentar apresentaram, no período janeiro/outubro de 1993, crescimento de cerca de 20% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Caso o nível de demanda se mantenha na mesma proporção no final do ano, é provável que algumas indústrias atinjam o limite da capacidade produtiva, notadamente a de eletrodomésticos, e, particularmente, a de televisores.

As indústrias de bens de consumo não duráveis estão se reestruturando e modernizando, com vistas a ter produção melhor, mais barata, e de melhor qualidade. De um modo geral, não há grandes projetos de aumento de capacidade produtiva.

Ainda, segundo o Diretor do Carrefour, os segmentos de bens de consumo não duráveis que têm apresentado maior crescimento de demanda são os seguintes:

- eletrodomésticos
- pilhas e lâmpadas
- compact discs
- móveis de praia e jardim (resinados)
- bolas de qualquer tipo.

Estes segmentos têm grande potencial de crescimento de demanda e o Carrefour está interessado em desenvolver novos fornecedores, pois caso haja um crescimento contínuo da renda, serão os primeiros a ter problemas de oferta.

O Carrefour não tem uma política de importações sistemáticas, nem importa por modismo. O Grupo procura importar produtos específicos (sazonais ou permanentes) ou aqueles sensivelmente mais baratos do que os nacionais. Dos 25.000 itens não alimentares vendidos pelo Carrefour, apenas cerca de 200 são importados.

1.3 - GRUPO MARTINS

O Grupo Martins, que tem sede em Uberlândia-MG, é um dos maiores distribuidores de bens de consumo do Brasil. Tem mais de 5.000 empregados e atua em todo o território nacional visando suprir, principalmente, pequenos comerciantes, tendo definido seu negócio como a prestação de serviços de distribuição.

O Grupo trabalha com cerca de 8.000 itens básicos em catálogo (sem considerar cor, peso e sabor), atende a mais de 160.000 clientes com frota própria, composta por, aproximadamente, 1.500 veículos.

O Martins trabalha basicamente com os seguintes tipos de produtos: alimentos (exceto congelados e refrigerados), artigos de higiene pessoal, higiene pesada, grupo veterinário, produtos farmacêuticos, material de construção e elétrico, artigos institucionais (para restaurantes e cozinhas industriais), auto-peças, eletrodomésticos, bebidas, utilidades domésticas, calçados (sandálias havaianas), confecções (calças US TOP, camisetas brancas e cuecas), aviamentos, produtos de beleza, ferramentas rurais, papelaria, artigos para supermercados, brinquedos e alguns artigos de higiene pessoal importados. O cliente típico é o pequeno supermercado, que revende de tudo em pequenas quantidades.

O Grupo Martins atende pontos do território nacional que a indústria não poderia atingir a preços viáveis. Para tanto possui uma rede de cerca de 3.000 representantes autônomos e uma equipe de 250 funcionários atuando em telemarketing.

Segundo o Gerente de Relações com Fornecedores do Grupo - Evaldo Cesar Couto - o Martins deve ter, em 1993, um faturamento cerca de 30% superior ao observado no ano passado. Em termos de quantidade de vendas, houve também crescimento significativo, mas em percentual menor.

É sentimento do referido executivo, que, de um modo geral, a indústria de bens de consumo não durável teve capacidade de produção para atender o crescimento verificado na demanda em 1993, não tendo sido observado nenhum segmento com problemas de oferta.

Para o próximo ano, a expectativa é que se mantenha a tendência de crescimento da demanda.

Talvez por não atuar diretamente junto ao consumidor final, o Grupo Martins não é afetado intensamente por períodos de sazonalidade de vendas (com exceção de poucos produtos, como brinquedos) e não tem uma sensibilidade muito apurada para oscilações da demanda. De um modo geral, os executivos do Grupo acham que, no caso de um crescimento acentuado e consistente na demanda de bens de consumo, vários segmentos da indústria terão dificuldades de oferta, se não efetuarem investimentos em aumento da capacidade de produção.

2 - INVESTIMENTOS NO SETOR TÊXTIL

2.1 - Introdução

O Grupo Vicunha é o principal grupo do setor têxtil que tem efetuado investimentos de grande porte nos últimos anos, contando para isto com o apoio do Sistema BNDES. Esta estratégia é diferente da maioria das empresas e grupos do setor, e deverá colocar o Grupo Vicunha numa posição privilegiada em termos de competitividade e aumento de vendas no caso de crescimento sustentado da economia e melhor distribuição de renda.

Outros dois grandes grupos têxteis - Alpargatas e Santista - adotaram estratégias diferentes. O Grupo Alpargatas efetuou profunda reorganização administrativa e de produção, resultando na diminuição do número de fábricas, com fechamento de unidades obsoletas e pouco produtivas e diminuição drástica no número de empregados; a parte final do programa, que contempla alguns investimentos em modernização, está em análise e deverá receber apoio do BNDES.

O Grupo Santista empreendeu também um projeto de enxugamento de atividades, fechamento de unidades e redução de pessoal, não realizando, entretanto, nenhum investimento significativo, na área têxtil, nos últimos anos.

Outras empresas de ponta do setor têxtil têm realizado investimentos de modernização, com vistas à melhoria da produtividade. A maior parte destes investimentos têm contado com o apoio do BNDES, de forma direta ou indireta. As principais empresas apoiadas são: Braspérola, Marisol, Hering Têxtil, Sulfabril.

A GESET-3, procurando verificar a intenção de investimentos na área têxtil por parte de grupos empresariais de outros setores, colheu informações no âmbito do BNDES a respeito de possíveis projetos dos Grupos Cocamar e Itamaraty.

2.2 - COCAMAR

A Cocamar, cooperativa que congrega na sua divisão de fiação, unidades de beneficiamento e de fiação de algodão (capacidade de 25 t/dia de fios), teve enquadrada, recentemente, Carta Consulta para a implantação de uma tecelagem de tecidos planos para vestuário, em Paranavaí-FR, com investimento inicial de US\$ 10,5 milhões.

A Cocamar tem participação de 25% na nova empresa, que se denomina Textilpar - Tecelagem Regional Paranavaí Ltda., e se propõe a produzir 8,64 milhões de metros lineares/ano de tecido cru e 7,95 milhões de metros lineares/ano de tecido acabado de algodão. O início de operação da nova fábrica está previsto para o final de 94.

Além deste projeto, a cooperativa não manifesta, atualmente, interesse específico em novos empreendimentos no setor têxtil, ou em diversificação regional de atividades.

2.3 - GRUPO ITAMARATY

O Grupo Itamaraty já é um importante produtor de algodão na região Centro-Oeste.

É intenção do Grupo implantar uma ou mais fiações e tecelagens de algodão naquela região (não há ainda maiores detalhes a respeito dos projetos).

A implantação de tais indústrias está dentro da filosofia de verticalização seguida pelo Grupo em todos os setores em que atua, e, a diversificação em direção ao algodão e à indústria têxtil parece ser uma das suas prioridades de investimentos.

Uma possível localização para uma das indústrias têxteis seria no município de Cáceres-MT, caso este município venha a fazer parte de uma ZPE.


Luiz Lauro Romero
Gerente Setorial